

# CAPRI

Family  
Office



**CARTA MENSAL**  
AGOSTO 2026

## PANORAMA

| IBOVESPA | DÓLAR COMERCIAL | S&P 500 |
|----------|-----------------|---------|
| - 0,33%  | + 2,05%         | + 2,62% |

**Cenário Internacional:** Os dados divulgados em agosto reforçaram um ambiente de atividade resiliente nos EUA, mas com inflação ainda acima da meta. O Federal Reserve (Fed) manteve a taxa de juros entre 3,50% e 3,75%, mas o tom mais duro de Kevin Warsh, presidente da instituição, somado à surpresa positiva no mercado de trabalho, elevou o risco de um aperto monetário.

Na renda fixa internacional, o Bloomberg US Aggregate, índice de referência do segmento, avançou 0,4% em agosto, apesar da volatilidade dos títulos do Tesouro americano, enquanto os spreads de crédito corporativo abriram moderadamente. Seguimos favorecendo ativos de alta qualidade e vencimentos curtos e intermediários. Na renda variável, o S&P 500 avançou 2,6% e o Nasdaq, 3,9%, novamente com forte contribuição de tecnologia e IA. Os fundamentos corporativos permanecem sólidos, mas múltiplos elevados e juros longos altos reduzem a margem de segurança. Por isso, mantemos uma visão construtiva para o longo prazo, mas com a possibilidade de correções abruptas no curto prazo.

**Cenário Local:** A atividade segue em desaceleração gradual, com os efeitos dos juros elevados aparecendo no crédito, no mercado de trabalho e na renda. A inflação trouxe alívio, mas o balanço de riscos permanece pressionado por câmbio, petróleo e fatores climáticos. O Copom reduziu a Selic para 14%, mas a taxa terminal deve permanecer acima de dois dígitos. O principal limitador permanece no fiscal: dívida elevada e déficits persistentes mantêm os juros longos pressionados e aumentam a sensibilidade do real e dos ativos domésticos às condições financeiras internacionais.

Na renda fixa local, o CDI avançou 1,09%, o IMA-B, índice de títulos públicos atrelados à inflação, subiu 1,58%, e o IRF-M, de títulos públicos prefixados, 1,04%. Seguimos priorizando pós-fixados, evitando vencimentos longos e adotando maior seletividade no crédito privado. Na renda variável, o Ibovespa recuou 0,33%, em um mês marcado por forte saída de investidores estrangeiros. Apesar dos valuations historicamente baixos, ainda identificamos poucos catalisadores para uma valorização sustentada, enquanto o cenário fiscal, os juros globais e a desaceleração da atividade seguem como fontes relevantes de risco.

DETALHAMOS NOSSA VISÃO PARA OS PRÓXIMOS MESES NA SEÇÃO “VISÃO CAPRI”

## VISÃO CAPRI

### CENÁRIO INTERNACIONAL

A economia global avança para o final do terceiro trimestre de 2026 em um ambiente marcado por uma combinação pouco confortável de atividade ainda resiliente, inflação que perdeu força na margem, mas permanece acima das metas, em boa parte puxada por preços de energia elevados, e aumento expressivo dos juros de longo prazo nas principais economias desenvolvidas. A incerteza deixou de estar concentrada apenas na trajetória das taxas básicas e passou a envolver também o prêmio exigido para financiar governos por horizontes mais longos, em um contexto de déficits fiscais persistentes, elevada oferta de dívida e maior volatilidade inflacionária.

Nos Estados Unidos, a atividade segue resiliente, sustentada pelo consumo e pelo ciclo de investimentos em inteligência artificial, o que afasta, por ora, um cenário de recessão. O mercado de trabalho surpreendeu positivamente em agosto, com criação de vagas bem acima do esperado e revisões favoráveis dos meses anteriores. O dado é forte, mas não altera o diagnóstico de fundo: a média de geração de empregos dos últimos doze meses segue em 31 mil vagas por mês, ritmo compatível com um mercado de baixa contratação e baixa demissão, e não com reaceleração. Do lado dos preços, a desinflação segue incompleta, com inflação ainda acima da meta e maior rigidez nos serviços.

A política monetária permanece sujeita a incerteza elevada. O Fed manteve a taxa em 3,50%-3,75% em julho, mas com três dissidências de presidentes regionais em favor de uma alta de 25 pontos-base. Em Jackson Hole, Kevin Warsh adotou um tom mais duro e condicionou qualquer flexibilização monetária a sinais claros de que a inflação está convergindo para a meta de 2% de forma consistente. Desde então, os dados reforçaram essa postura: o CPI de agosto avançou 0,4% no mês e 3,4% em doze meses, enquanto o núcleo subiu 0,3% no mês, acima do esperado. Somado ao payroll mais forte, o resultado consolidou uma alta de 25 pontos-base em setembro como o cenário predominante na precificação de mercado.

Mais relevante para os mercados é que a pressão sobre os juros deixou de se restringir às decisões do banco central. Déficits persistentes e uma oferta crescente de dívida passaram a sustentar um prêmio mais elevado para financiar o governo em prazos longos. Nos Estados Unidos, esse movimento levou o Tesouro a ao menos dobrar o tamanho de suas operações de recompra de títulos longos, após o Treasury de 30 anos atingir o maior rendimento em cerca de duas décadas e a dívida federal superar US\$ 40 trilhões. O alívio foi apenas temporário, mas existem outras implicações: ao intervir fora do calendário habitual, o Tesouro se afasta do princípio de emissão regular

e previsível e pode acabar elevando o prêmio de risco que pretendia conter, sem endereçar os desequilíbrios fiscais que estão na origem do movimento. Paralelamente, a geopolítica adiciona uma fonte relevante de risco inflacionário, com a intensificação do conflito entre Estados Unidos e Irã e as restrições no Estreito de Ormuz mantendo os preços de energia pressionados. O custo de capital global, portanto, permanece elevado por razões que a política monetária, sozinha, não controla.

Na Europa, a atividade tem mostrado resiliência apesar do choque energético, com os índices de atividade (PMIs) de agosto indicando melhora da indústria. Ao mesmo tempo, a persistência das pressões inflacionárias levou o Banco Central Europeu a elevar novamente os juros em setembro, com alta de 25 pontos-base na taxa de depósito, para 2,50%. O movimento reforça que o choque de energia não se restringe aos Estados Unidos e que as principais economias desenvolvidas seguem convivendo com menor espaço para flexibilização monetária, mesmo diante de um crescimento apenas moderado. Na China, o cenário permanece de desaceleração administrada, com crescimento de 4,7% projetado para 2026, seguido por expansão de 4,5% em 2027, com a possibilidade de utilização de estímulos fiscais adicionais para sustentar a atividade. No agregado, o cenário internacional permanece marcado por crescimento positivo, mas sob condições financeiras mais restritivas. Para os mercados emergentes, a combinação de juros globais elevados e maior competição por capital tende a reduzir o espaço para cortes mais rápidos de juros, ampliando a importância dos fundamentos fiscais e domésticos na diferenciação entre esses países.

## CENÁRIO LOCAL

A economia brasileira segue em desaceleração gradual, com sinais cada vez mais claros de que os juros altos estão chegando à atividade, ao crédito e ao mercado de trabalho. Na ausência de um choque externo, não esperamos uma queda brusca na atividade, mas uma perda progressiva de ritmo, associada ao menor impulso do gasto público, a um crédito mais seletivo e aos efeitos defasados dos juros elevados.

A composição dessa desaceleração importa mais do que o número agregado. A renda do trabalho vem perdendo força, as contratações diminuíram e o crédito às famílias, embora ainda cresça, concentra-se cada vez mais nos tomadores de maior renda. Entre as empresas, as menores já enfrentam inadimplência mais alta e condições mais duras. A inflação, por sua vez, trouxe alívio relevante no curto prazo. O IPCA de agosto recuou 0,32% no mês e levou o acumulado de doze meses a 4,22%. Parte importante da queda decorreu de fatores temporários. O balanço de riscos à frente segue inclinado para cima, com El Niño, ciclo pecuário, petróleo e câmbio pressionando, enquanto a demanda mais fraca e os juros altos empurram na direção contrária.

Esse equilíbrio ajuda a explicar a cautela do Copom, que reduziu a Selic para 14% em agosto sem antecipar os próximos passos. Nosso cenário contempla mais um corte de 0,25 p.p. até o fim do ano. O espaço para uma flexibilização mais intensa, porém, segue limitado pela inflação ainda acima da meta, pela incerteza fiscal, pelo câmbio e pelo risco de juros mais altos nos Estados Unidos.

É nesse ponto que o cenário externo se conecta de forma mais direta ao Brasil. Os juros de prazo curto tendem a acompanhar a desaceleração doméstica e o ciclo de cortes do Copom. Já os juros de prazo longo seguem pressionados pelo custo global do dinheiro e amplificados pela incerteza fiscal doméstica. Em agosto, a alta dos juros americanos foi transmitida aos vencimentos longos brasileiros, mesmo em semanas nas quais o mercado passou a esperar mais cortes da Selic. No câmbio, a lógica é a mesma: juros americanos mais altos tornam o Brasil relativamente menos atrativo e limitam a valorização do real. As contas externas, por enquanto, seguem funcionando como importante amortecedor, apoiadas por uma balança comercial robusta e por fluxos de investimento estrangeiro suficientes para financiar o déficit em serviços, reduzindo o risco de movimentos cambiais desordenados.

A principal fragilidade estrutural permanece no fiscal. Sem um ajuste relevante nas despesas obrigatórias, o governo deve seguir gastando mais do que arrecada, antes do pagamento de juros, em 2026 e 2027, mantendo a dívida pública em trajetória explosiva. Em um mundo de juros longos mais altos, o investidor global cobra mais caro de países nessa situação — e, no Brasil, isso aparece ao mesmo tempo como maior prêmio de risco, pressão sobre o câmbio, juros longos igualmente mais altos e menos espaço para uma flexibilização monetária. Embora a desaceleração da atividade doméstica abra espaço para a queda dos juros curtos, uma redução mais consistente das taxas dependerá também de menor incerteza fiscal. Caso contrário, o investidor estrangeiro tende a continuar exigindo prêmios elevados para seguir alocando capital no país, sendo que esses fluxos são fundamentais hoje para financiar o balanço de pagamentos e sustentar o câmbio, ajudando a conter a inflação.

## RENDA FIXA INTERNACIONAL

Na renda fixa internacional, as taxas seguiram pressionadas pela inflação persistente e subiram ainda mais após o Federal Reserve sinalizar a possibilidade de novas altas de juros, caso a inflação não avance de forma convincente em direção à meta de 2%. Nesse ambiente, o Bloomberg US Aggregate, principal índice do mercado de renda fixa americano, composto por títulos públicos, corporativos e securitizados de elevada qualidade de crédito, avançou cerca de 0,4% no mês. Já os títulos indexados à inflação registraram leve recuo, em média.

A volatilidade refletiu as sucessivas mudanças nas expectativas para a política monetária. Quando os investidores passam a projetar uma inflação mais elevada ou a manutenção dos juros em níveis altos por mais tempo, as taxas dos títulos do Tesouro americano tendem a subir. Como os preços dos títulos se movimentam em sentido contrário às taxas, esse movimento afeta principalmente os papéis com vencimentos mais longos, que são mais sensíveis às mudanças nas perspectivas para os juros.

No crédito corporativo, os spreads dos títulos investment grade, classificados como de elevada qualidade de crédito, apresentaram abertura moderada. O movimento refletiu, entre outros fatores, o volume recorde de emissões, impulsionado principalmente pelas captações realizadas por grandes empresas de tecnologia para financiar investimentos em infraestrutura de inteligência artificial. Apesar da pressão gerada pelo aumento da oferta de títulos, os spreads permanecem em níveis historicamente comprimidos, enquanto os fundamentos financeiros dos emissores de maior qualidade seguem sólidos.

No private credit, que reúne operações de crédito concedidas diretamente por gestores às empresas, a recuperação das ações de software trouxe um sinal positivo ao setor. A melhora na percepção dos investidores tende a facilitar o acesso a capital e ampliar a capacidade dos acionistas de aportar recursos, reforçando a proteção dos credores. Embora esse efeito não se reflita imediatamente nos preços dos empréstimos privados, ele reduz o risco percebido e pode beneficiar gradualmente os fundos mais expostos ao segmento, após meses de forte pressão sobre essas companhias, tema destacado em nossas cartas anteriores.

**Diante das incertezas geopolíticas, dos riscos fiscais e da menor previsibilidade sobre a trajetória dos juros americanos, mantivemos uma postura conservadora nas carteiras. Priorizamos títulos de emissores de elevada qualidade, com vencimentos curtos ou intermediários, além de estratégias diversificadas de crédito global. Embora as taxas atuais permaneçam atrativas, entendemos que ainda não é o momento adequado para ampliar de forma relevante os prazos, pois uma eventual alta dos juros acima do nível precificado poderia pressionar os títulos mais longos e prejudicar o desempenho das carteiras. Seguimos vendo os títulos indexados à inflação como uma alternativa interessante de proteção, diante dos juros reais elevados oferecidos por esses papéis.**

## REDA FIXA LOCAL

Os títulos de renda fixa ligados aos juros reais superaram o CDI em agosto. Enquanto o CDI avançou 1,09%, o IMA-B subiu 1,58% e o IMA-B 5, 1,28%. O primeiro tem maior

exposição a vencimentos longos, enquanto o segundo reúne papéis com prazo de até cinco anos. Já o IRF-M, índice de títulos públicos prefixados, avançou 1,04%. Os vencimentos mais curtos foram beneficiados pelos sinais de desaceleração da atividade e da inflação, incluindo a deflação de 0,40% do IPCA-15, que aumentaram as expectativas de novos cortes da Selic. Nos vencimentos mais longos, entretanto, as taxas permaneceram pressionadas pelos juros elevados nos Estados Unidos, pela alta do petróleo e pelas incertezas fiscais e eleitorais no Brasil.

No crédito privado, o IDA-Infra avançou 1,26%, beneficiado pela valorização das debêntures incentivadas indexadas à inflação. Já o IDA-DI, que acompanha o crédito privado pós-fixado, subiu 1,09%, em linha com o CDI. Após um período prolongado de forte valorização, os spreads do crédito corporativo pós-fixado passaram a apresentar maior estabilidade. Nesse ambiente, o desempenho dos fundos depende cada vez mais da qualidade da seleção dos emissores, ampliando a dispersão de resultados entre os gestores.

A indústria de crédito privado voltou a registrar captação líquida positiva em agosto. Os fundos de infraestrutura receberam aproximadamente R\$ 400 milhões, no primeiro mês de captação positiva desde março, enquanto os fundos de crédito corporativo captaram R\$ 18,1 bilhões, segundo dados do Banco ABC. Parte desse fluxo pode estar relacionada ao vencimento das NTN-Bs 2026, que liberou cerca de R\$ 257 bilhões para realocação em diferentes classes de ativos. Ao mesmo tempo, o mercado primário permaneceu pouco ativo, com volume reduzido de novas emissões de debêntures. Em nossa avaliação, as incertezas relacionadas ao cenário eleitoral e o elevado nível dos juros podem estar levando algumas empresas a aguardarem maior visibilidade antes de realizar novas captações.

**Diante desse cenário, mantivemos uma parcela relevante das carteiras em títulos pós-fixados e ativos de risco soberano, que seguem oferecendo remuneração atrativa, elevada liquidez e menor sensibilidade às oscilações das taxas de juros. Nos títulos prefixados e indexados à inflação, continuamos evitando ampliar a exposição enquanto persistirem as incertezas fiscais e eleitorais. No crédito privado, seguimos reduzindo posições cuja relação entre risco e retorno se tornou menos favorável e priorizando gestores experientes, emissores de elevada qualidade e estruturas pulverizadas, com mecanismos adequados de proteção. Dessa forma, buscamos preservar o potencial de retorno das carteiras com uma postura prudente, sem depender de uma queda mais acentuada dos juros ou de um novo movimento de valorização dos ativos de crédito.**

## RENDIA VARIÁVEL INTERNACIONAL

O S&P 500 avançou 2,6% em agosto, o Nasdaq, 3,9%, e o Russell 2000, cerca de 0,9%. A alta, porém, foi concentrada: energia liderou os ganhos, com 7,0%, seguida por tecnologia, com 6,2%, enquanto cinco dos onze setores do S&P encerraram o mês em queda. O desempenho foi sustentado principalmente pelo petróleo e pelas empresas ligadas à inteligência artificial, enquanto a alta dos juros longos pressionou os segmentos mais sensíveis às taxas de juros.

Os fundamentos corporativos seguem favoráveis. Os resultados continuam sólidos, as expectativas para lucros não mostram deterioração relevante e a resiliência da economia americana reduz, por ora, o risco de uma desaceleração mais pronunciada das receitas. O ciclo de inteligência artificial também permanece como importante vetor estrutural de crescimento, sustentando investimentos elevados e as perspectivas para empresas diretamente expostas ao tema. Ao mesmo tempo, a concentração dos ganhos em poucos segmentos reforça a dependência do mercado em relação à continuidade dessas tendências.

A relação entre fundamentos e preços segue exigindo atenção. Embora alguns papéis do S&P 500 negociem a valuations elevados, em muitos casos o crescimento dos lucros tem superado a valorização das ações, ajudando a sustentar os múltiplos. O principal risco, portanto, está menos no nível atual dos preços e mais na possibilidade de esse crescimento desacelerar de forma brusca ou perder força. Nesse cenário, empresas hoje sustentadas por forte expansão de resultados poderiam sofrer compressão relevante de múltiplos, especialmente em um ambiente de juros longos ainda elevados. Persistem também dúvidas sobre a capacidade dos elevados investimentos em inteligência artificial de gerar retornos compatíveis com as expectativas já incorporadas aos preços.

**Mantemos, portanto, uma visão construtiva para a renda variável internacional no longo prazo, embora com maior cautela. A qualidade das empresas e a forte geração de resultados seguem oferecendo suporte à classe, mas a combinação de valuations exigentes em parte do mercado e juros longos elevados reduz a margem de segurança. Nesse contexto, seguimos atentos principalmente à capacidade das empresas de sustentar o ritmo de crescimento dos lucros, cuja desaceleração mais acentuada poderia tornar o mercado mais vulnerável a correções, mesmo sem a ocorrência de uma recessão.**

## RENDIA VARIÁVEL LOCAL

O Ibovespa recuou 0,33% em agosto, aos 177,4 mil pontos, depois de operar abaixo dos 165 mil no pior momento do mês. O movimento foi marcado pela saída de investidores estrangeiros, que somou cerca de R\$ 18 bilhões até 27 de agosto, em meio a preocupações fiscais, incerteza eleitoral e juros elevados nos Estados Unidos. Na última semana, a pressão vendedora estancou e o índice emendou nove pregões de alta, favorecido pelas empresas ligadas a commodities, com a disparada do petróleo.

Os preços de muitas ações locais continuam atrativos, em termos de valuation histórico, mas ainda vemos poucos gatilhos para um movimento de valorização mais expressivo e sustentado. A bolsa brasileira permanece bastante dependente do fluxo estrangeiro e, portanto, sensível aos juros americanos, ao dólar e à percepção global de risco. Domesticamente, a incerteza fiscal e eleitoral mantém elevado o prêmio exigido pelos investidores e dificulta uma queda mais consistente dos juros longos, justamente um dos movimentos que poderia favorecer uma reprecificação mais ampla dos ativos brasileiros.

Além desses fatores, a desaceleração da economia adiciona uma nova camada de risco. Os efeitos do aperto monetário começam a aparecer de forma mais clara no crédito, no emprego e na renda, e podem gradualmente alcançar os resultados corporativos. Empresas mais dependentes do consumo e da atividade doméstica tendem a sentir esse movimento de maneira mais direta, seja por menor crescimento de receitas, seja por condições financeiras ainda restritivas. Assim, parte do desconto observado nos múltiplos pode refletir não apenas pessimismo excessivo, mas também uma perspectiva menos favorável para o crescimento dos lucros.

Isso não significa que não existam oportunidades. Uma melhora da percepção fiscal, uma queda mais consistente dos juros longos ou um ambiente externo mais favorável ao fluxo para emergentes poderia provocar uma reprecificação relevante, especialmente partindo dos níveis atuais de valuation. No entanto, esses potenciais catalisadores ainda dependem de variáveis sobre as quais temos pouca visibilidade, enquanto a desaceleração doméstica começa a se tornar mais concreta.

**Com isso, mantemos uma postura cautelosa em relação à bolsa brasileira. Embora existam oportunidades interessantes em empresas de qualidade, ainda vemos poucos fundamentos capazes de sustentar uma valorização mais consistente. Enquanto não houver maior clareza sobre o cenário fiscal, a atividade e a trajetória dos juros, preferimos manter uma exposição mais conservadora na classe.**

## INDICADORES MACROECONÔMICOS

## INTERNACIONAL

## ÚLTIMO

## EXPECTATIVA

## ANTERIOR

## VAR. NO MÊS

## Atividade

|                                                       |            |      |      |            |
|-------------------------------------------------------|------------|------|------|------------|
| Indústria nos EUA - ISM (>50 pts representa expansão) | 54,6 (ago) | 55,2 | 55,6 | - 1,0 p.p. |
| Serviços nos EUA - ISM (>50 pts representa expansão)  | 55,4 (ago) | 54,3 | 54,1 | 1,3 p.p.   |
| Taxa de Desemprego nos EUA (%)                        | 4,1 (ago)  | 4,1  | 4,1  | 0,0 p.p.   |
| Salário Médio por Hora nos EUA (% ano/ano)            | 3,1 (ago)  | 3,0  | 3,2  | - 0,1 p.p. |
| Vagas em Aberto nos EUA - JOLTS (milhões)             | 7,3 (jul)  | 7,3  | 7,2  | 0,1        |

## Inflação

|                                                   |           |     |     |            |
|---------------------------------------------------|-----------|-----|-----|------------|
| Inflação nos EUA - CPI (% ano/ano)                | 3,4 (ago) | 3,4 | 3,4 | 0,0 p.p.   |
| Núcleo da Inflação nos EUA - Core CPI (% ano/ano) | 2,4 (ago) | 2,4 | 2,5 | - 0,1 p.p. |
| Inflação nos EUA - PCE (% ano/ano)                | 3,7 (jul) | 3,6 | 3,7 | 0,0 p.p.   |
| Núcleo da Inflação nos EUA - Core PCE (% ano/ano) | 3,3 (jul) | 3,3 | 3,3 | 0,0 p.p.   |

## LOCAL

## ÚLTIMO

## EXPECTATIVA

## ANTERIOR

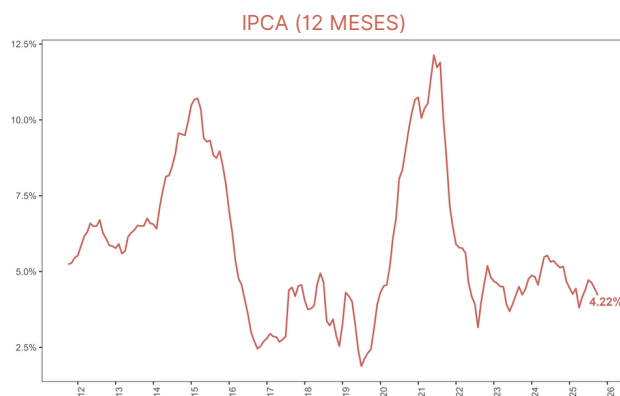
## VAR. NO MÊS

## Atividade

|                                   |             |       |     |            |
|-----------------------------------|-------------|-------|-----|------------|
| Indústria - PIM (% ano/ano)       | - 0,5 (jul) | -     | 1,7 | - 2,2 p.p. |
| Serviços - PMS (% ano/ano)        | 0,9 (jul)   | -     | 2,2 | - 1,3 p.p. |
| Varejo - PMC (% ano/ano)          | 2,9 (jun)   | 2,4   | 0,4 | 2,5 p.p.   |
| IBC-Br - Proxy do PIB (% mês/mês) | - 0,6 (jun) | - 0,5 | 0,1 | - 0,7 p.p. |
| Taxa de Desemprego - PNAD-C (%)   | 5,3 (jul)   | 5,3   | 5,4 | - 0,1 p.p. |

## Inflação

|                            |           |     |     |            |
|----------------------------|-----------|-----|-----|------------|
| IPCA (% ano/ano)           | 4,2 (ago) | 4,3 | 4,4 | - 0,2 p.p. |
| IPCA - Núcleos (% ano/ano) | 4,4 (ago) | -   | 4,4 | 0,0 p.p.   |
| IGP-M (% ano/ano)          | 2,2 (ago) | 2,1 | 2,8 | - 0,6 p.p. |



Rio de Janeiro  
Estrada da Gávea 696, sl. 509  
São Conrado - RJ - 22610-002  
+55 21 2042 0044

São Paulo  
Rua Bandeira Paulista 275, CJ. 111  
Itaim Bibi - SP - 04532-010  
+55 11 2050 8686

contato@capribr.com  
www.capribr.com

## DISCLAIMER:

As informações contidas neste documento são confidenciais e de exclusivo uso do(s) seu(s) destinatário(s). É expressamente proibido modificar, copiar, transmitir, distribuir, expor, desenvolver, reproduzir, publicar, licenciar, copiar formato, gerar trabalhos derivados, transferir ou de outra forma utilizar, no todo ou em parte, sem a devida autorização da Capri Investimentos Ltda.

Este material não configura um relatório de análise de valores mobiliários. As informações referentes a taxas, prazos e outras condições expostas são meramente indicativas e não constituem uma oferta ou solicitação de compra ou venda de qualquer instrumento financeiro, ou de adoção de estratégia de investimentos. A Capri Investimentos Ltda. não garante a integridade e exatidão das informações prestadas nesse relatório.

